

# RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 5 – Número 9 – Julho a Dezembro de 2008

[início](#)

## A “GRANDE QUEBRA” DA “GRANDE DIVISÃO” ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NA MÍDIA IMPRESSA E ELETRÔNICA

Sérgio Roberto Costa  
UNINCOR

**ABSTRACT** – The article discusses the theory of the “big division” between orality and writing, the changes of ideas that break the initial dichotomization, and proposes the thesis of the “big break” of the “big division”, having the social-historic and interactionist view of language as its basis. It analyzes some current genres of the written and electronic media and concludes that the “big break” happens in the interface between them.

A teoria da chamada “grande divisão” entre oralidade e escrita, que predominou entre os anos 50 e 70/80, polarizava as manifestações escritas e orais da língua enquanto sistema, cognição e usos sócio-lingüístico-discursivos. Trata-se de uma posição que: (i) fragmenta e polariza a linguagem oral e escrita; (ii) provoca uma verdadeira "ruptura" entre teoria, uso e prática social, pois vê a linguagem como sistema abstrato de formas/funções, de um lado, e as condições do sujeito falante isoladas, de outro; (iii) reafirma a materialidade objetiva da linguagem, como objeto constituído e transparente e (iv) não leva em consideração a mobilidade sócio-histórica dos sujeitos e da própria linguagem ou os modos de participação dos sujeitos nas práticas discursivas orais relacionadas à escrita enquanto prática discursiva e enquanto objeto (de LEMOS, 1998, 11).

Essa concepção, que se insere na filosofia do objetivismo abstrato, que separa língua (aspecto social) da fala (aspecto individual) e que desvincula a língua de sua esfera real, tratando-a apenas como objeto de decifração, ou seja, interpretando-a apenas como objeto de codificação e decodificação, foi contestada, a partir dos anos 70/80. Surgiu, então, a vertente dos que propuseram uma nova visão das relações entre fala e escrita: a de que há mais semelhanças que diferenças entre elas. Nessa perspectiva, foi proposta a idéia do *continuum* entre ambas, que não passou de uma ilusão, segundo Street (1995).

Contudo essa idéia de *continuum* (formal e/ou discursivo), segundo Costa (1997), se solidifica em vários autores (GIVÓN, 1977; OCHS, 1979; LAKOFF, 1979; TANNEN, 1984; CHAFE, 1982; WATSON, 1983 etc.) que, contestando a concepção da natureza fragmentada da fala ou da polaridade/dicotomização entre ambas – uma “falsa dicotomia”, segundo

Lakoff (1979, 23) –, valorizam o objetivo/propósito do discurso, o contexto social de produção e a intersecção entre o oral e o escrito, segundo a concepção de modelo *ideológico* de letramento de Street (1995).

Entretanto, a questão do processo de letramento ultrapassa a postulação de diferenças ou isomorfias (parciais ou não) formais/funcionais/genéricas entre elas ou a postulação de um *continuum* linear estabelecido por condições gerais de uso da linguagem, o que, de certa maneira, deixa entrever o uso conversacional (dialógico) e o uso autônomo (monológico) ocupando ainda as extremidades dos pólos, como dois conjuntos autônomos (oral e escrito) opostos (COSTA, 2004 e 2005).

Hoje, nas últimas décadas, começa-se a desenvolver uma nova visão de linguagem e discurso, segundo a qual o *continuum* teria um viés dialético e não linear, em que a sócio-construção da linguagem se daria mediada por gêneros discursivos (BAKTHIN, 1992) e textuais (BRONCKART, 1999). Nessa linha, gêneros são concebidos como práticas sociais, historicamente construídas, reinterpretando-se antigos e novos gêneros orais e escritos e sua inter-relação enquanto práticas linguístico-discursivas e enquanto objeto. Assim sendo, as atividades escritas e orais não poderiam ser estabelecidas num *continuum* linear, mas ter-se-ia que levar em consideração a heterogeneidade dos gêneros nas práticas de oralidade e de escrita inseridas nas diversas culturas, levando-se em conta também os aspectos sociais, etnográficos, além dos formais e discursivos.

Esta nova postura teórica lê, holisticamente, os textos escritos com novo enfoque. Discursivamente, por exemplo, os elementos paraverbais ou não-verbais presentes nos textos escritos em diversos suportes produzem efeitos de sentido que vão além do “literalmente escrito”. Por exemplo, em nossa cultura, na correspondência familiar e oficial, de ontem ou de hoje, as cores diferentes dos papéis de carta ou de convites e envelopes, o formato ou tamanho da fonte usada para escrever, bordas e sombreamentos, e até perfumes, podem refletir o grau de formalidade ou a expressão de sentimentos mais/menos íntimos entre interlocutores. Assim, também, entre os Mende de Serra Leoa, uma cultura diferente da nossa, um envelope aéreo limpo, datilografado e multicolorido é sinal de respeitabilidade ao destinatário, com ênfase na importância da mensagem (STREET, 1995, 170). Entretanto o processo de apropriação da escrita não é o mesmo em ambas as culturas.

Na cultura letrada contemporânea, ao lado da existência das práticas de letramentos mais tradicionais, há novas formas/práticas de oralidade e escrita e também o surgimento de diversos novos gêneros discursivos e textuais, provocado pela invenção da imprensa e de novos instrumentos culturais a partir de novas tecnologias: computador, novos meios de comunicação eletrônica móvel e/ou sem fio, onde circulam as ações da oralidade e da escrita. Em síntese, pode-se dizer que esse dinamismo fugaz dos gêneros imprime-lhes um caráter volúvel, líquido, pois permite a mudança, a variabilidade, a mistura, a hipertextualidade digital, a hibridação.

Quanto à invenção da imprensa, com a criação dos pasquins, folhetins e os atuais jornais e revistas, vários gêneros surgiram, como a *charge*, o *cartum*, o editorial, a carta de leitor etc. Quanto à invenção dos novos instrumentos culturais, no ciberespaço desse instrumento cultural contemporâneo que é o computador, o uso da internet, em especial, seria responsável pelo surgimento de gêneros (hiper)textuais como o *e-mail*, o *chat* (bate-papo virtual) o *e-forum* (fórum eletrônico), o *blog*...

A produção e a recepção dos gêneros da mídia escrita (imprensa) e da mídia eletrônica (internet, comunicação móvel e/ou sem fio) constituiriam práticas sociais de linguagem bem representativas, com características próprias e

específicas dos novos instrumentos e/ou suportes de comunicação, as quais circulam em novos ambientes ou espaços discursivos. Neles, a interface (lugar do livre trânsito das linguagens e suas modalidades, das imagens, das multisssemioses) oralidade/escrita parece se dissolver de maneira relevante, principalmente nos novos instrumentos culturais eletrônico-digitais e nos gêneros que aí emergem.

A partir das idéias acima, selecionamos, para análise dos gêneros da mídia escrita (imprensa), uma *charge*, um editorial e uma crônica de opinião, e para a análise dos da mídia digital, selecionamos fragmentos de um bate-papo virtual – *chat*.<sup>1</sup> A leitura desses gêneros de textos do discurso jornalístico e digital pode nos ajudar a entender a quebra da “grande divisão” entre oralidade e escrita, pois podem ser observadas nesses textos escritas estratégias discursivas próprias da oralidade, que se transformam em estratégias específicas de um gênero (secundário) diferente que nasce. Essas estratégias, que se encontram na interface entre a oralidade e a escrita, podem servir de exemplificação à tese que defendemos neste artigo. Vamos começar nossa leitura analítica com os textos da mídia escrita (imprensa) e depois analisaremos os fragmentos de um bate-papo virtual (*chat*).

Começamos, então, com os gêneros da imprensa escrita selecionados: uma *charge*, uma crônica e um editorial. Há duas dimensões básicas a serem consideradas na análise: de um lado, a social e, de outro, a verbal. Observemos, inicialmente, a dimensão social da *charge*, da crônica de opinião e do editorial. Cronotopicamente, os textos em análise foram publicados no dia 01/02/2003, no caderno A2 do jornal *Folha de S. Paulo*, onde circulam apenas textos de opinião sobre temas políticos, sociais etc, polêmicos, cuja função é basicamente formar opiniões dos leitores. Ou seja, esses gêneros, historicamente, possuem um perfil temático e axiológico cuja expressão valorativa trata de acontecimentos políticos e sociais que são notícias que circulam, naquele momento, em outros espaços ou outros cadernos do mesmo jornal ou da imprensa falada, televisa e impressa em geral.

A temporalidade (*chronos*) – publicação diária – se limita a vinte e quatro horas de circulação do jornal. A “topografia” (*topos*) desses três gêneros que circulam na seção OPINIÃO do caderno A é, por si só, constitutiva dos gêneros selecionados para análise. A seção OPINIÃO é o *locus* da ancoragem ideológica desses tipos de gêneros, o qual delimita o universo e o perfil temáticos e as finalidades de interação.

O leitor, neste caso, pertence à classe A (quando muito B), em função da região em que o jornal *Folha de S. Paulo* circula e, como interlocutor, reconhece o valor social e profissional dos articulistas (*charge*, crônica de opinião) e do jornal (editorial), os quais têm uma posição discursiva de autoria (BAKHTIN, 1992) própria do gênero, que não se refere à pessoa física. Trata-se, por exemplo, respectivamente, do chargista Glauco e do articulista-autor Carlos Heitor Cony, e não da pessoa empírica Glauco ou Cony. O que está em jogo é a posição, a orientação valorativa/apreciativa do articulista ou do chargista em articulação com outros discursos, outros enunciados já produzidos em outras esferas discursivo-sociais. Deliciemo-nos com a *charge* de Glauco e a analisemos:



Na dimensão verbal (e não-verbal), no caso específico da *charge* em análise, ela vem encimada com o título “OPINIÃO”, como o são todos os textos da segunda página do primeiro caderno da *Folha de S. Paulo*, conforme já descrevemos. Por suas características verbais e não verbais, a *charge* se enquadra bem na definição que Costa (2009, no prelo) faz: “trata-se de uma ilustração ou desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão [no caso, com balão], veiculado pela imprensa, que tem por finalidade satirizar algum acontecimento do momento que serve de crítica. Focaliza, por meio de caricatura gráfica, com bastante humor, uma ou mais personagens envolvidas no fato político-social que lhe serve de tema.” O fato político que serviu de base foi a campanha “Fome Zero”, princípio norteador do primeiro mandato do Governo Lula e tão destacada durante a posse em janeiro de 2003. Simultaneamente acontecia em São Paulo, capital, a *São Paulo week fashion*, fato social que serve de contraponto semântico ao fato político (Fome Zero) concretizado no enunciado “inventado” por Glauco: “FOME FASHION”.

Glauco, então, monta a *charge* na forma de quadrinhos, embora seja um texto opinativo e não narrativo, como o é quase a totalidade das HQs (v. características em COSTA, 2008, 74). Ele a divide em dois quadros ou vinhetas, separados por uma tarja branca vertical, chamada *elipse* que, ao contrário da elipse tradicional, que pode parecer uma omissão, funciona, nas HQs e aqui na *charge* também, como um elemento discursivo sintático-semântico fundamental no estabelecimento de continuidade entre os dois quadros ou vinhetas. A elipse seria o hiato, o espaço “vazio” – a *sarjeta* – que o leitor preencheria com sua imaginação, transformando duas ou mais imagens separadas numa só idéia. Esse corte entre as duas ou mais vinhetas é paradoxalmente o ponto de conexão e continuidade semântica entre os dois quadros ou vinhetas da prancha ou página. Os quadros ou vinhetas emolduram a ação e separam uma imagem da outra, indicando o espaçamento entre as diferentes imagens, mas que possuem uma interação icônico-verbal, que pode se realizar como discurso verbal e/ou iconizado.

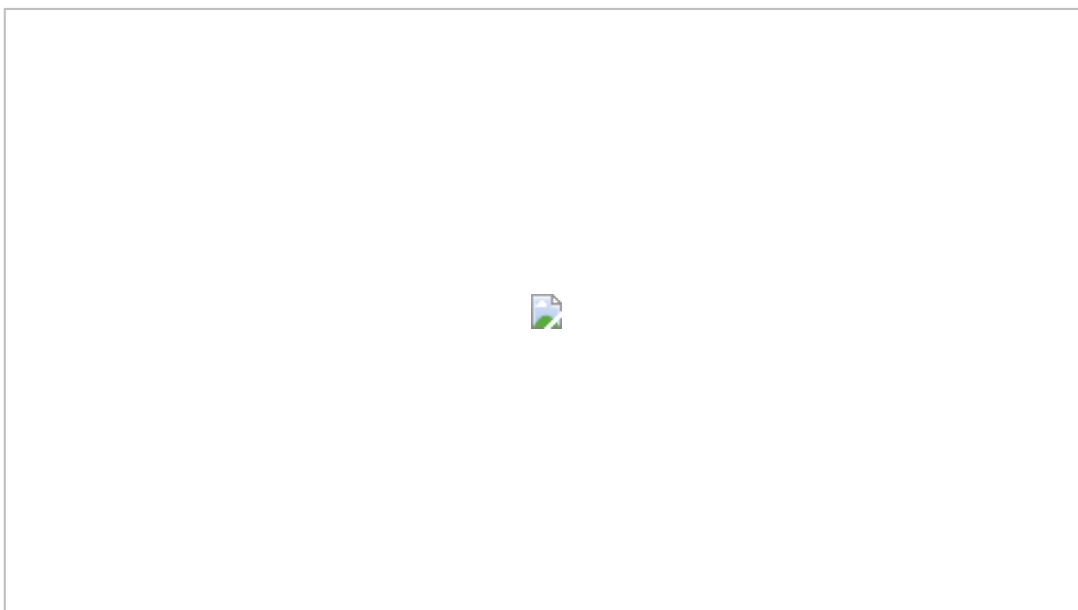
Quanto ao discurso verbal, o quadro da esquerda traz o título “FOME ZERO” e o da direita, “FOME FASHION”, ambos em caixa alta, uma espécie de discurso em *off* do autor. A conversação oralizada, em ambos os quadros, constitui o discurso das personagens, apresentado em balões arredondados, com a fala graficamente também em caixa alta. Esses discursos, o do autor e o das personagens, acrescidos das expressões gestuais, corporais e faciais, e aliados a outros recursos paraverbais iconizados (cores, roupas típicas,

ambientes próprios etc.) dão o efeito de sentido crítico e satírico da *charge*. Portanto palavras e imagens integram a composição visual do todo de modo redundante e dinâmico, numa transgressão discursiva do uso tradicional da linguagem textual. A mensagem verbal iconiza-se, o desenho torna visualmente dinâmico o significado do código lingüístico (forma das letras, logogramas, topogramas, pontuações codificadas) e do espaço (as formas das vinhetas e dos balões têm um valor expressivo).

Há uma quebra da articulação aparentemente linear das ações/fatos por uma articulação de duas ações em paralelo que produzem o efeito de sentido desejado, hiperbolicamente caricaturizado. Seja nas palavras que sintetizam o “supérfluo” da Fome Zero e o “proibido” da Fome Fashion (“NADA DE IOGURTE, REFRIGERANTE, BOLACHAS COM RECHEIO...”), seja nas imagens grotescas (de um lado, mulher pobre, mal vestida, em frente a seu casebre, assessor/representante do governo de terno, pasta executiva e cartão magnético na mão, emoldurados pelo sertão nordestino de sol amarelo escaldante e terra rachada, e de outro, mulheres magérrimas, porte e postura impecáveis, e assessor, aparentemente efeminado, todos elegantemente bem vestidos, emoldurados por um ambiente interior rosa que remete ao mundo glamouroso e colorido da moda), e seja nos recursos paraverbais utilizados (cromatismo destacado, gestos, posturas etc).

Em síntese, nas ações da escrita da *charge*, o discurso em *off* do autor – presente nos títulos escritos “FOME ZERO” e “FOME FASHION” –, o discurso das personagens – a conversação oralizada/escrita em ambos os quadros – e os recursos paraverbais constituem a interface dialógica entre a oralidade e a escrita presente no discurso multissemiótico crítico/satírico da *charge* e quebram, de certa maneira, a ideia de oposição entre aquilo que se chama de oral e de escrito.

Passemos agora a analisar a crônica “Assombrações” de Cony.



### **Assombrações**

RIO DE JANEIRO – Mais de cem generais da ativa estiveram reunidos, semana passada, em Brasília. A Constituição garante esse direito de reunião. Pelo que se sabe, o assunto desse “sabat” foi profissional. Evidente que analisaram a situação salarial do grupo que, como se sabe, não é das melhores nem mais justas.

O arrocho é geral. E, sem pressão das diversas classes da sociedade, o governo continuará economizando à nossa custa para

pagar as comissões da especulação.

Lembro um conto, não sei se de Tchecov ou de Gogol, acho que de Gogol. Dois viajantes, surpreendidos à noite numa estrada deserta, encontram uma casa em ruínas. Vão se abrigar nela, mas aí aparece uma velha e diz que a casa é mal-assombrada. Coisas terríveis acontecem lá.

Os viajantes são modernos, globalizados, não dão bola para essas superstições de botucudos. Entram e se alojam como podem. De repente, as portas começam a gemer, as janelas batem, o chão range, como se estivesse pisado por fantasmas acorrentados.

Um dos viajantes, mais moderado em seu modernismo, começa a tremer, pede que o outro vá ver o que está acontecendo. O outro se recusa. Diz que é vento. Além do mais, essa história de casa mal-assombrada, de fantasmas acorrentados ou não, já era.

Os ruídos continuam, janelas batendo, portas rangendo, assoalho gemendo. O menos moderno pergunta: “É o vento mesmo?”.

O outro responde que sim. Mas pensa um pouco e admite: “Em todo o caso, seria bom se essas coisas não estivessem acontecendo”.

É mais ou menos assim que muita gente encarou a reunião dos generais. Nada de novo, tudo legal e até mesmo louvável, uma classe em busca de soluções para seus problemas domésticos.

Apesar de tudo, e levando em conta o que tanto nos aconteceu no passado, seria bom se essas coisas não estivessem acontecendo.

Por si só, a crônica já se consolidou (v. COSTA, 2008, 71-73), quanto ao conteúdo, como o gênero do cotidiano, da “conversa” aparentemente banal, do episódico, do circunstancial, com finalidade utilitária. Do fato miúdo ou da notícia a que não se prestou atenção. E estilisticamente, curta e breve, de interlocução direta com o leitor, leve e rápida, construindo um lugar de familiaridade na relação enunciador/enunciatário, numa cenografia de “conversa amena”, como na fala do cotidiano. Sem regras rígidas, a crônica (jornalística) privilegia o simulacro de relato informal de um “causo”. É mais ou menos o que acontece em “Assombrações” de Carlos Heitor Cony.

Ao se ler essa crônica de opinião, percebe-se claramente a estratégia discursiva do autor – a recontagem de um conto de Gogol ou de Tchecov (“Lembro um conto, não sei se de Tchecov ou de Gogol, acho que de Gogol.”) para sustentar seu ponto de vista, que está claro no parágrafo-fecho (“Apesar de tudo, e levando-se em conta o que tanto nos aconteceu no passado, seria bom se essas coisas não estivessem acontecendo.” [reunião de generais, relatada no parágrafo inicial]). Ou seja, Cony utiliza-se da recontagem, estratégia típica da oralidade (a narrativa de um conto/“causo”), no ritmo da fala, para exemplificar um ponto de vista, e atualiza a história, trazendo-a para o presente, usando recursos discursivos narrativos próprios (verbos no presente do indicativo: “Dois viajantes... encontram... Vão se abrigar... aparece uma velha...” etc) e vocabulário contemporâneo e informal (“Os viajantes são modernos, globalizados, não dão bola para essas superstições de botucudos... Além do mais, essa história... já era.”). Trata-se de uma estratégia discursiva que aproxima “intimamente” o enunciador do leitor, diferentemente do que poderia acontecer, por exemplo, num editorial que recupera os fatos noticiados de maneira mais densa e formal.

Entretanto, mesmo o editorial, também texto de opinião, apesar do estilo mais formal e denso, pode apresentar estratégias discursivas que “beiram” a oralidade, como podemos ver em “Na terra do Fausto”, abaixo:



Apesar de apresentar a opinião do jornal e poderia parecer, então, que o enunciador se manteria, discursivamente, “distante” do leitor, podem-se apontar enunciados que representam estratégias discursivas bem típicas do texto oral, as quais aproximam enunciador/leitor, como “**Por falar** em ‘capital’ e ‘alemã’, é em Berlim...”. Aqui o “**Por falar...**”, de um editorial escrito, remete ao “**Por falar nisso...**” da fala do cotidiano. O mesmo se dá no último parágrafo, quando da pergunta retórica “E o que faz o Itamaraty?”, estratégia típica do discurso solene oral, usada pelo orador para enfatizar algum elemento importante de sua tese, dirigindo uma pergunta direta ao público que o ouve. Além disso, a personificação do Itamaraty, órgão-símbolo do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, não deixa de ser também uma estratégia discursiva que está na interface entre a oralidade e a escrita, como se pode ver nos exemplos: “O Itamaraty **alega...**”; “No plano comercial, **fala** em ampliar...”; “Com o **comportamento** que vem **exibindo...**”

Para fechar a análise, vamos recortar alguns fragmentos de um *chat* (bate-papo virtual). Conforme conceituação de Costa (2008, 56 e ss.), o *chat* é uma

conversa/ conversação informal teclada em tempo real através da internet, portanto, virtual e se caracteriza como uma escrita abreviada, sincopada, parecida com a escrita escolar inicial. Os usuários de internet usam um código discursivo escrito complexo (alfabético, semiótico, logográfico), em que, simultaneamente, misturam alfabeto tradicional, caretinhas, *scripts* etc para “conversar” teclando, portanto escrevendo. Usam abreviações, síncope e outros recursos (alongamentos, caixa alta etc), que formam um novo código discursivo e cultural, espontaneamente construído.

Esse código, que se caracteriza como um conjunto de recursos icônicos, semióticos, logográficos, tipográficos e telemáticos, visa facilitar a redação de mensagens e regular as trocas de interação verbal e social na internet, a partir de novas motivações enunciativas, como relações de amizade, atitudes lúdicas do falar-escrever, procura de expressividade, afetividade ou emotividade... Essa nova esfera de vida social cria uma nova variedade de linguagem, específica desse novo modo de comunicação cujos funcionamento e estado da oralidade/escrita/escritura seriam, então, modificados profundamente pela comunicação eletrônica, com novas perspectivas em relação às noções de espaço e tempo e ao surgimento de novos códigos discursivos neográficos e multissemióticos, que quebrariam “fortemente” as relações entre o oral e o escrito e entre a oralidade e a escrita.

Alguns fragmentos de textos recortados de produtos escritos em salas de bate-papo (*chats*) podem exemplificar a escrita/escritura dos *chats*. Além de ser informal e coloquial, fugindo do uso padrão, falado ou escrito, ela é bastante marcada pelas seguintes características:

(i) *abreviada, sincopada, contraída, às vezes, sem marcas de fronteiras entre as palavras:*

Session Star: Sun abr 02 11:43:13 2000  
1. <Wally> vc entra no sábado e no domingo?  
<Wally> sempre com esse nick?  
<Felipe-15> é  
<Felipe-15> e vc?  
<Felipe-15> abreviaçam geral  
<Wally> legal... além do mirc o que mais vc faz na net?  
<Felipe-15> icq  
<Felipe-15> chat terra  
<Felipe-15> terra chat  
<Wally> vc não usa o til, pq?  
<Felipe-15> pq demora  
<Felipe-15> é chato  
<Felipe-15> naum tem necessidad  
<Wally> acho isso muito legal...  
<Felipe-15> é bom q pde escreve tudu erradu  
<Felipe-15> da manera q c fala

2 E o seu? Oq tapensando?

3. Colé pagodeira? = (*qual é pagodeira?*)

4. poetatiraecenome = (*poeta tira esse nome, o nickname poeta*)

(ii) *a abreviação fonética, quando usada, a torna um sistema escrito não vocalizado ou consonântico:*



q tc? Ninguém quer tc comigo? = (quer teclar? Ninguém quer teclar comigo?)

De onde vc tc? = (De onde você tecla?)

To tc agora! = (Tô teclando agora!)

Bjs pra vc tb:) = (Beijos pra você também:))

(iii) *Entonacional*: esta característica é expressa por sinais de pontuação em excesso, principalmente interrogações e exclamações; letras maiúsculas (caixa alta), alongamentos ..., muitas vezes, usados simultaneamente, como nos exemplos abaixo:

Session Start: Sat Apr 08 14:20:51 2000

1. <StarFox> Já ????????????????

2. StarFox> Pq ??

<Ana-Flavia> mt trabalhos

<StarFox> hummmm ..

<StarFox> Meus pêsames !!

3. <StarFox> ME DÁ UMA EXPLICAÇÃO PRA ISSO  
OWWWWWWWW !!!!!!

<StarFox> pq tá rindo ?

<Ana-Flavia> perai ... vc nao recebeu?

<StarFox> NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃ !!!!!!!

4. <StarFox> Ainda ñ chegou ?????

<Ana-Flavia> mandei um dcc pra vc

<Ana-Flavia> vc nao aceitou

<StarFox> CLARO Q SIM !!!!!!!!!!!!!!!!

<StarFox> CLARO Q SIM !!!!!!!!!!!!!!!!

5. <Ana-Flavia> la vai

<StarFox> PQ ISSO ??

<StarFox> PQ ISSO ??

<StarFox> PQ ISSO ??

<StarFox> HEIN ??

<StarFox> HEIN ??

<StarFox> HEIN ??

<StarFox> FALA ALGUMA COISA OW !!!

(iv) *Recursos icônicos “paralingüísticos”*: *characteretas/caretinhas (emoticons), topogramas, scripts, risadas...*

1. <StarFox> Pena q ñ consigo ver ele !!

<StarFox> :( = (triste)

<Ana-Flavia> ja foi la?

<StarFox> Sim !!

<StarFox> :(((( = (muito triste)

<StarFox> ñ ten nada !!

<StarFox> :~( = (infeliz)

<Ana-Flavia> hehehe =(risos)

<StarFox> ME DÁ UMA EXPLICAÇÃO PRA ISSO  
OWWWWWWWW !!!!!! =(gargalhando)

<StarFox> pq tá rindo ?



bate-papos virtuais do “falar-escrito teclado”, como, por exemplo, o uso de palavras registradas inteiramente em maiúsculas para indicar (gritar, ou falar alto) irritação, raiva;

- o alongamento, a repetição de caracteres que podem, em certos casos, simular a entonação e, assim, conter uma informação paraverbal;

- as “caretinhas” (*emoticons*) são, muitas vezes, usadas com valores semiológicos não-verbais (por exemplo :) = J, indicando sorriso, alegria);

- novas formas de interatividade modificam a escrita-teclada, num ritmo próprio do discurso eletrônico, em que cada interlocutor vai se adaptando ao registro languageiro do grupo (IRC, Orkut, MSN, Skype, Twitter), como acontece na conversa do cotidiano;

- predomínio do dialógico e do carnavalesco, brincadeira com as palavras, a multissemiótica do espírito dionisíaco (mundo narrado) *versus* o espírito apolíneo duro e rígido (mundo representado);

- a fugacidade, a interatividade e a iteratividade da hipertextualidade (links);

- a fugacidade temporal e espacial da correspondência eletrônica, que se perde na tecla “deletar” como os recados orais, enquanto a correspondência escrita é permanente, pois quando as pessoas guardam-na em boas condições, o texto escrito não se apaga facilmente.

Para fechar nossas idéias, podemos dizer, em síntese, que tanto em gêneros discursivos da imprensa escrita (*charge*, crônica e editorial, aqui analisados) quanto em gêneros da internet (*chat*, aqui analisado), existe um movimento discursivo dialético verbal (palavras escritas, neografias) e não verbal (imagens, recursos paraverbais...) que constitui a “grande quebra” da “grande divisão” entre a oralidade e a escrita. Essa “grande quebra” se realizaria, então, na interface entre ambas – o espaço/lugar virtual de livre trânsito das linguagens e suas modalidades, das imagens, das multissemióticas... O que viria quebrar com as velhas regras do cartesianismo, em função de uma visão mais ampla das práticas discursivas presentes nos eventos que nos circundam.

## NOTA

1. Os exemplos aqui citados encontram-se nos artefatos da pesquisa de FREITAS, M. T. A & COSTA, S. R., *Construção/produção da escrita na Internet e na escola: um enfoque sócio-histórico*. Projeto CNPQ/1999-2000-2001. Os sujeitos da pesquisa são pré-adolescentes e adolescentes (faixa etária entre 11 e 17 anos e classe social variada) que estudavam em colégios públicos e particulares da cidade de Juiz de Fora, MG.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. O problema do autor. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (1979), p. 201-220.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (1979), p. 327-358.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo*. São Paulo: Educ/PUC, 1999 (1997).

CHAFE, W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: TANNEN, D. (org.). *Spoken and Written Language: Exploring orality and literacy*. New Jersey: Ablex, 1984, p. 35-53

CONY, Carlos Heitor. Assombrações. *Folha de S. Paulo*; Caderno A2. 01 fev. 2003.

COSTA, S. R. *A construção do letramento escolar: um processo de apropriação de gêneros*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). São Paulo: PUC-SP, 1997.

\_\_\_\_\_. A construção/apropriação da escrita nas salas de aula da escola fundamental e nas salas de bate-papo na Internet. *DELTA*, PUC /SP, n. 22 :1, 2006, p. 159-175.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de gêneros textuais*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (No prelo).

\_\_\_\_\_. (Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção & SOUZA, Solange Jobim (orgs.). *Televisão, Internet e Educação*. Estratégias metodológicas com crianças e adolescentes. *Cad. Cedes*, Campinas, vol.25, n. 65, jan./abr. 2005c, p. 102-116.

\_\_\_\_\_. Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção & COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005b, p. 37-43.

\_\_\_\_\_. Oralidade, escrita e escritura: diferenças/semelhanças entre as modalidades oral e escrita e o processo de letramento. *Recorte* (Três Corações), v. 1, 2004, p. 2.

\_\_\_\_\_. Oralidade, escrita e escritura e construção da linguagem e do letramento. *Cathedra Scientiarum Socialium*, v. XX, 2005, p. 29-44.

\_\_\_\_\_. Oralidade e escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção & COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005a, p. 19-27.

de LEMOS, C. T. G. Prefácio. In: KATO, M. (ed.). *A concepção da escrita pela criança: 9-14*. Campinas: Pontes, 1998.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1997.

LAKOFF, R. *Expository writing and the oral dyad as points on a communicative continuum: Writing anxiety as the result of mistranslation*. Unpublished manuscript, 1979.

GLAUCO. Fome Zero / Fome Fashion (charge). *Folha de S. Paulo*; Caderno

A2, 01 fev. 2003.

Na terra do Fausto (Editorial). *Folha de S. Paulo*; Caderno A2, 01 fev. 2003.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (org.). v. 12. *Syntax and semantics; discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979.

STREET, B. V. *Social literacies*. Critical approaches to literacy in development, ethnography and education. Londres: Longman, 1995.

TANNEN, D. (org.). *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. New Jersey: Ablex, 1984.

WATSON, C. Syntactic change: writing development and the rethorical context. In: MARTLEW, M. (org.). *The psychology of written language*. Chichester, John Willey & Sons, 1983.